

Um bar na memória

Um dos mais tradicionais estabelecimentos belo-horizontinos ganha livro como presente dos oitenta anos

DIVULGAÇÃO/ESCRITÓRIO DE HISTÓRIAS

ALÉCIO CUNHA
REPÓRTER

São muitos os bares na vida de um ser, mas raros os que dialogam intensamente com a história de uma cidade. O Tip Top, em Belo Horizonte, é um deles. Às vésperas de completar seus 80 anos, no próximo dia 29, um dos mais antigos em atividade na capital mineira, o bar do número 1770 da Rua Rio de Janeiro, em Lourdes, seus garçons, clientes, mesas, cadeiras, tira-gostos e bebidas habitam, agora, outro cardápio.

Tantas histórias estão presentes nas páginas do livro "Tip Top 80 Anos", que será lançado nesta quarta-feira, dia 19, a partir de 20 horas, no endereço etílico que despe a memória de uma Belo Horizonte que não existe mais.

Dividido em 21 capítulos, o livro, escrito pelo sociólogo e pesquisador Osias Ribeiro Neves, do Escritório de Histórias, narra uma saga iniciada em 1929. Naquela data, o crack da Bolsa de Nova Iorque dilapida fortunas e espalha miséria em todo mundo. Ao mes-

mo tempo, o cantor e ator Al Jolson seduz plateias em "O Cantor de Jazz", o primeiro filme sonoro.

Ali, na Rua Espírito Santo, quase esquina com avenida Afonso Pena, nasce o primeiro endereço do Tip Top, comandado pela matriarca tcheca Paula Huven e seu marido, o romeno Adolfo.

Direto da cozinha para bocas gulosas, esquadrilhas formadas pelo salsichão, o kassler, a salada de batatas e o chucrute seduzem paladares. Enquanto isso, política, futebol, economia e amenidades dominam as conversas. Há 80 anos, o Tip Top testemunha as mudanças da vida brasileira. Na poesia das paredes, fotos despem a memória do passado. Na prosa das mesas, a vida, besta ou não, circula. ☺

LEIA MAIS NA PÁGINA 8



"Naquela data, o crack da Bolsa de Nova Iorque dilapida fortunas e espalha miséria em todo mundo" Associando o bar à história

Fachada do bar, um dos mais antigos e prestigiados de Belo Horizonte: história registrada em uma nova publicação

"Testemunha as mudanças da vida brasileira. Na poesia das paredes, fotos despem a memória do passado"

Refletindo sobre o ambiente

Não deixe a vida passar em branco. Juntos escrevemos a sua história.



Dona Paula Huven: da cozinha, trazendo salsichão, o kassler, a salada de batatas e o chucrute, às mesas e à história da capital mineira

José Valien, o famoso baixinho dos comerciais de televisão, é uma das curiosas presenças registradas no ambiente do Tip Top



Rara imagem dos primórdios do bar, comandado pela matriarca tcheca Paula e seu marido, o romeno Adolfo Huven

Não deixe a vida passar em branco. Nós escrevemos a sua história.

CAPA Reduto de homens, mas sob o comando feminino

ALÉCIO CUNHA
REPÓRTER

Segundo mais antigo bar da capital mineira, atrás do Armazém Leblon, no Bairro Floresta, fundado em 1926, o Tip Top, em Lourdes, que completa 80 anos com o lançamento de um livro sobre sua trajetória, traz uma curiosidade já na sua fundação em 1929.

"Não era comum um bar, ainda mais naquela época, frequentado basicamente por homens, ser comandado por uma mulher", conta o autor e coordenador editorial do livro "Tip Top 80 Anos", o sociólogo Osias Ribeiro Neves.

Ele se refere à figura emblemática e marcante da migrante tcheca Paula Huven que, ao lado do marido romeno, Adolfo, comandou o Tip Top durante 50 anos. Viúva desde 1950, segurou as pontas até sua morte, em 1979, quando os negócios foram assumidos pelo filho, Henry. Há 25 anos, o tradicional bar trocou de mãos, com outra mulher, a empresária Teresa Recoder Gonçalves à frente.

Na visão de Osias Ribeiro Neves, o Tip Top, de cara, no

final da década de 1920, já chamava a atenção pelo nome de batismo, dado, claro, pela matriarca Paula. "O significado do nome na Europa era 'tudo certo', 'tudo bem'. O nome soava diferente e novo como a própria Belo Horizonte, a mais nova e diferente das cidades brasileiras, inaugurada no final do século XIX", conta o autor.

"O Tip Top não era mais reduto de homens que se reuniam para tomar chope no final da tarde, discutir política e futebol. O lugar nasceu com um toque feminino, regido pelas mãos delicadas e habilidosas de Paula Huven que, além de levar a alma da cozinha de sua casa e da cultura europeia para o ambiente do bar, trouxe um atendimento ímpar, pessoal e afetivo. Cada freguês era tratado por Dona Paula como único", afirma o autor.

Osias Neves ressalta que conhecia o Tip Top, mas nunca foi assíduo frequentador daquela geografia, ainda que lhe chamassem a atenção as fotografias antigas de Belo Horizonte espalhadas por suas paredes. "Já havia escrito obras sobre famílias e empresas, nunca tinha me aven-

turado sobre a história de um bar. Fiquei encantado com a quantidade de histórias que ouvi ali e com a força da memória", comenta o sociólogo.

"Optei por escrever um livro que mostra a evolução do bar lado a lado com acontecimentos importantes da história brasileira", conta. Alguns desses episódios são reveladores de climas e mentalidades.

O dia 18 de agosto de 1942 é uma destas datas cruciais. "Estávamos no clima da Segunda Guerra Mundial e, naquele dia, nacionalistas inflamados começaram a atacar lojas e residências de italianos e alemães que moravam e trabalhavam em Belo Horizonte. Os manifestantes atacaram vários pontos da cidade, mas foram impedidos de destruir o Tip Top", rememora o pesquisador.

"Garçons e lojistas vizinhos conseguiram convencer a turba que o casal Paula e Adolfo não era alemão, muito menos, nazista", conta o autor, fascinado pela vitalidade pulsante do Tip Top.

"Entrevistei 27 pessoas que tiveram contato íntimo com a história do bar", afirma Osias Neves. No capítulo introdutório do livro, antes

de narrar a epopeia do Tip Top, o escritor realiza uma espécie de genealogia conceitual dos botequins.

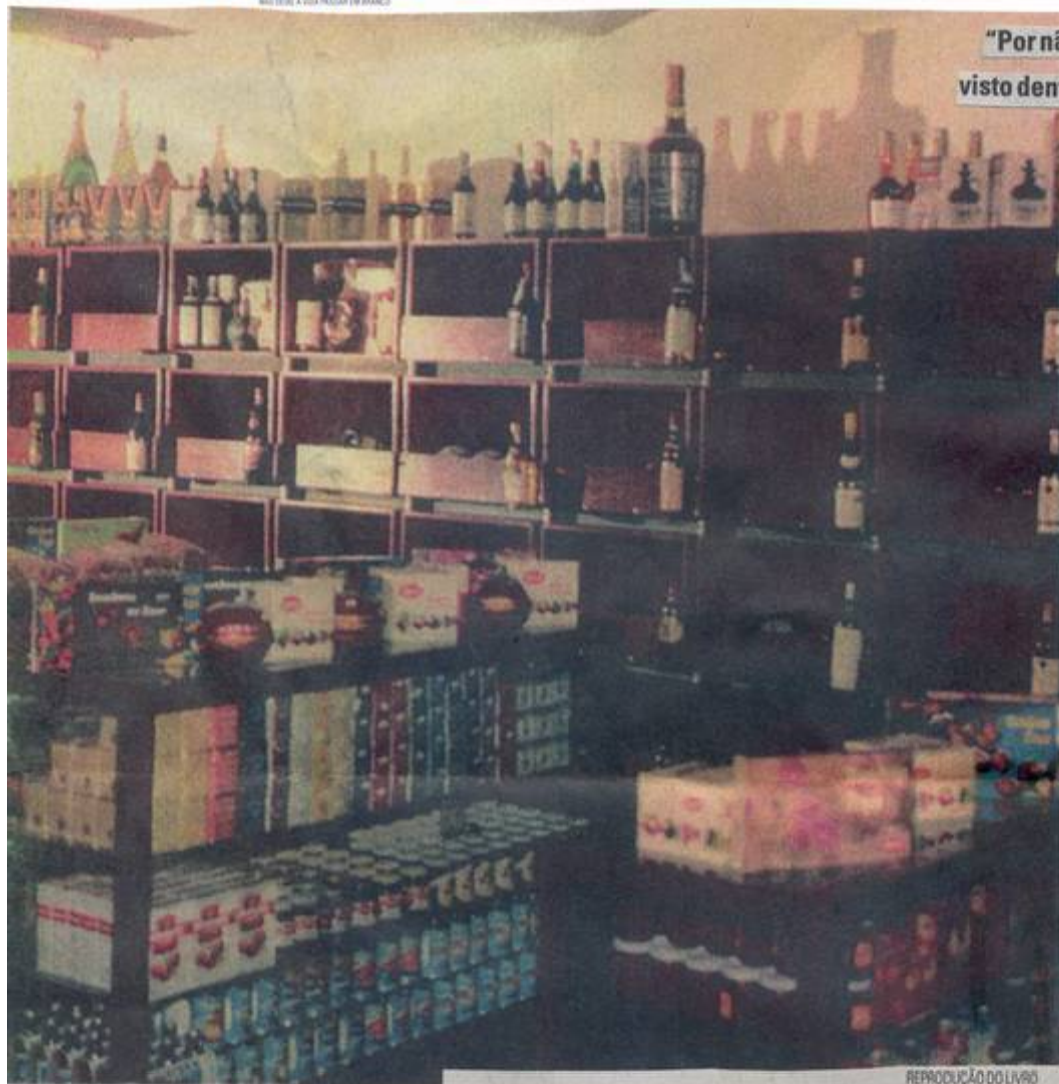
"Por não ter um padrão e modelo rígidos, o bar pode ser visto dentro de um conceito maleável, o que permite que cada um possa oferecer aos frequentadores ambientes mais simples ou sofisticados", comenta.

Atual proprietária do Tip Top, adquirido em 1984 das mãos de Henry Huven, Teresa Recoder Gonçalves não titubeia ao definir qual é o significado de estar à frente de uma geografia que esconde múltiplas histórias. "É um orgulho e uma grande responsabilidade. Imagino as dificuldades que Paula Huven encontrou ao, inaugurando, aos 20 anos, um bar, reduto machista até hoje, ainda mais naquela época", afirma.

"A trajetória do Tip Top se confunde com a história e o desenvolvimento de Belo Horizonte. Talvez ele seja o único bar a testemunhar cada um dos movimentos que a cidade e o país passaram desde 1929", conta.

Além do lançamento do livro nesta quarta, às 20 horas, no Tip Top, os 80 anos serão comemorados no dia 29, um sábado, das 10h às 22 horas, no quarteirão da Rio de Janeiro entre Gonçalves Dias e Bias Fortes, com shows de Dona Jandira, Zé da Guiomar e trupe de circo. ☺

Não deixe a vida passar em branco. Nós escrevemos a história.



"Por não ter um modelo rígido, o bar pode ser visto dentro de um conceito maleável", diz autor

REPRODUÇÃO DO LIVRO

A trajetória do Tip Top se confunde com a história e o desenvolvimento de Belo Horizonte



Não deixe a vida passar em branco